

DOCUMENTO

Theobaldo Miranda Santos nasceu em 04 de Junho de 1904, na cidade de Campos dos Goytacazes, no Litoral Norte do Estado do Rio de Janeiro, conhecida como a metrópole do açúcar e faleceu em 1971. Intelectual ligado ao campo da Educação Católica, sua trajetória está envolto entre a docência e os serviços administrativos. Suas obras totalizam aproximadamente 130 volumes em diversas áreas do conhecimento.

A vida na docência iniciou na Cidade mineira de Manhuaçu, na Escola Normal, logo após a conclusão dos estudos primários e secundários, nos anos de 1920, no Liceu de Humidades e na Escola Normal de Campos. Após sua rápida passagem pelo Magistério mineiro, concluiu, no Colégio Metodista Grambery, Zona da Mata Mineira, em Juiz de Fora, MG, os cursos de Odontologia e Farmácia. Ao final da década de 1920 retorna a sua cidade natal onde ocupa as funções de diretor e professor de Física, Química e História Natural, no Liceu de Humanidades, na qual fora aluno.

Converteteu-se ao catolicismo por ouvir o mestre e amigo militante católico Dr. Alceu Amoroso Lima. O relato do próprio Theobaldo foi publicado na Revista Católica *A Ordem*, em 1935, onde foi colaborador. Aponta que a força persuasora da inteligência, a irradiação da cultura universal juntamente com o exemplo e a fé viva de Dr. Alceu oportunizou que ele se convertesse as causas cristãs. Após a conversão participa do movimento contra aqueles que defendiam a democratização e a laicização do ensino.

Na cidade de Campos, seu trabalho foi ligado ao Centro Dom Vital, que se destinava ao povo em geral, atuou na organização/presidente e divulgação da cultura católica, juntamente com a criação do Instituto Católico de Estudos Superiores, que tratava da formação de professores, estudantes e intelectuais, oferecendo como ações externas os cursos de Teologia, Filosofia, Sociologia, Biologia, História da Igreja e Pedagogia.

A militância católica, naquele momento, concentrava-se por oferecer uma formação intelectual aos seus membros na tentativa de instruir o laicato, nas palavras de Cury (1978), o objetivo é cristianizar a elite intelectual do país. A base deste engajamento se encontra na disputa do campo educacional entre católicos e liberais. Como intelectual ligado ao campo da educação nos anos de 1930, publica artigos em Jornais importantes da cidade de Campos e artigos para Revistas, o destaque fica para o ano de 1934, como sendo o mais produtivo destas publicações, totalizando sete artigos.

Como as estratégias da Igreja neste momento fazem parte do projeto de intervenção na cultura do professor, por meio dos manuais escolares, Theobaldo se insere nas orientações pedagógicas católicas partilhando desse sentimento religioso em suas publicações. No ano de 1942 publica a primeira edição do *Manual de Filosofia da Educação: Os grandes problemas as Pedagogia Moderna*, pela Editora Bonfoni. A partir da segunda Edição este manual se integra ao projeto de *Coleções* como forma de cooptar o domínio no campo educacional.

Os manuais escolares divulgariam um modelo pedagógico cristão nos moldes da concepção católica após os anos de 1930, onde o mercado editorial se expandiu para a temática da formação de professores. Com a política do Estado Novo surge a orientação de se criar uma estrutura organizacional para o setor educacional. Foi ainda, catedrático na Escola Superior de Agricultura e Veterinária e na Faculdade de Farmácia e Odontologia. Ao se transferir para o Rio de Janeiro lecionou

em colégios católicos.

Aos 37 anos ocupou funções como Diretor Técnico Profissional, Diretor da Educação Primária e diretor geral do departamento da Educação Básica. Concomitante com estas funções lecionou Filosofia, História da Educação e Pedagogia na Faculdade Católica de Santa Úrsula, no Distrito Federal. Assume a cátedra de Filosofia da Educação no Instituto de Educação do Distrito Federal. Foi durante a organização das aulas de Filosofia das faculdades Ursulinas, em 1941, que surgiu o Manual de Filosofia da Educação: Os grandes problemas da Pedagogia Moderna.

Na oportunidade publicou, segundo ele, o “pequeno livro” com resumos de suas aulas, sintonizando os principais problemas filosóficos da Educação, analisados a luz do realismo cristão. (Advertência, 1942). O problema especulativo da educação, nos dizeres dele, sem uma devida orientação filosófica fulgente não se realiza numa educação eficiente. O autor, assim como os demais intelectuais católicos, defendia a concepção filosófica de Santo Tomas de Aquino e se baseava numa educação cristã pateteando as tradições espirituais.

A Filosofia da Educação, como disciplina acadêmica, é a predileção do autor nos cursos de Pedagogia. A preparação do educador deve perpassar pelos trilhos desta disciplina como elemento na formação do professor. O manual de Filosofia da Educação, publicado em 1942, pelo nosso intelectual, a partir de 1947, foi reeditado com o nome de Noções de Filosofia da Educação, na coleção da Biblioteca Pedagógica Brasileira, na série das Atualidades Pedagógicas, cuja direção era do escolanovista Fernando de Azevedo. A partir de 1951 dirigiu sua própria coleção para o Curso de Psicologia e Pedagogia, pela Companhia Editora Nacional. O Manual de Filosofia ou Noções de Filosofia da Educação teve sua publicação em 12 edições.

Integrou o seletivo grupo dos intelectuais católicos como Alceu Amoroso Lima, o Padre Jesuíta Leonel Franca, Dom Hélder Câmara, Sebastião Tauzin, dentre outros. Esses educadores faziam parte do quadro de funcionários da Faculdade Ursulina, cujo lócus se tornou num espaço onde se debatia muitos assuntos ligados à renovação, e contextualização filosófica e a própria organização referente à renovação litúrgica (LIMA, 2013).

As discussões do grupo dos intelectuais católicos estavam em harmonia com o movimento da Renovação católica nos albos de 1920, em confronto com o movimento dos educadores da Educação Nova. A Igreja, na tentativa de retornar a Cristandade, investia na adequação do projeto pedagógico da Escola Nova aos moldes da concepção cristã. Este embate pedagógico se encerra no final dos anos de 1960 após a segunda promulgação do Manifesto dos Educadores da escola Nova.

O Ensino Religioso estava no cerne do embate entre católicos e Pioneiros da Escola Nova. Os discursos eram os mesmos da época da Proclamação da República quando pelo fato da exclusão no currículo das escolas públicas do país a disciplina que tratava o ensino religioso. Porém uma nova roupagem vestia as falácias do movimento católico em torno dessa questão. Com a Restauração católica os direcionamentos seriam na investida da purificação da doutrina católica, cultivando os valores cristãos.

A orientação católica impregnada nos Manuais de Theobaldo Miranda Santos estava em acordo com os programas da restauração católica e das diretrizes dos programas estabelecidos pelo governo. O conceito Cristão de Educação, segundo Theobaldo, procura desenvolver no homem toda a perfectibilidade de que ele é capaz, no sentido de repará-lo para a ordem da natureza e para a ordem da graça, para a vida natural e para a vida sobrenatural (SANTOS, 1942, p. 49).

Segundo ainda sua trajetória de vida, Almeida Filho (2008, p. 7), aponta que o autor foi secretário Geral de Educação e Cultura da Prefeitura do Rio de Janeiro, por duas vezes, em caráter interino. O intelectual também atuou como Diretor do Departamento de Difusão Cultural, membro

da Comissão técnica do Estado do Rio de Janeiro e Membro oficial do Estado na Convenção Educacional Fluminense. Conhecedor de diversos assuntos inspirava-se em autores de reconhecimento internacional como: Aguayo, De Hovre, Paul Monroe, Jacques Maritan, L. Riboulet, Newmann, Spalding, Willman, Leonardo Van Acker, etc.

Em sua bibliografia também há uma inspiração de intelectuais brasileiros. Entre os nomes que constam nas suas bibliografias podemos destacar: Alceu de Amoroso Lima, padre Leonel Franca, Everaldo Backheuser, Rui de Aires Bello, Barreto Filho, A. Ramos e outros, na sua maioria, filiados ao Movimento católico da década de 1920.

É possível identificar o autor em tese como um intelectual católico com contornos apoiados nas ciências modernas, ao nos basearmos no que tange suas publicações sobre a Ciência da Psicologia, que foi a base da pedagogia escolanovista, o que leva a crer que ele também está em conformidade com as ciências modernas defendidas pelos pioneiros da Escola Nova. Isto nos remete a pensar sobre sua aproximação com o grupo dos Integralistas da cidade de Campos. Tais ambiguidades podem ser percebidas nos escritos de Theobaldo.

Assim como os defensores da tradição espiritual e da ordem, os católicos que carregavam a influência dos modernos prezavam por uma renovação pedagógica, porém com a manutenção dos princípios católicos. Theobaldo Miranda Santos e seu projeto intelectual estão empenhados na divulgação da doutrina pedagógica católica com ares de uma concepção renovadora, assimilou os ideários modernistas aglutinando forças na imprensa católica, mas tornando-se o divulgador da doutrina católica.

O educador:

Os conceitos fundamentais expressos no Manual de *Filosofia da Educação: Os grandes problemas da Pedagogia Moderna* revelam os problemas filosóficos da educação analisados a luz do realismo cristão. O termo Educador é um desses conceitos e reflete sua amplitude. Na proposta de Theobaldo Miranda Santos perpassa não só a formação profissional, mas também a indicada pelos filósofos, sacerdotes, magistrados, a dos pais, e até a dos grandes escritores que considera no patamar de educadores, ou seja, todos os que se dispõem a guiar o pensamento, a conduta ou a vida dos seus semelhantes. Esteia-se ainda nas ideias de Aguayo, principalmente sobre os atributos do Educador, que conscientemente influi sobre a educação do indivíduo.

Porém, no aspecto do Educador, não adere as ideias de Kerschensteiner, nem as de Dewey e Krieck, em que o educador como homem influi voluntariamente e involuntariamente sobre a vida dos outros homens, de acordo com o autor:

Não negamos que a ação plástica e difusa que o meio social possa influir sobre a formação do ser humano e admitimos a existência indiscutível de uma educação espontânea resultante do trabalho incidental dos fatores mesológicos (SANTOS, 1942, p. 179).

Desta forma os conhecimentos e os hábitos são apreendidos quando ocorre a conscientização do indivíduo, sendo assim não compreende que a educação seja inconsciente. Para o autor a ação educativa só acontece quando existe o direcionamento e a orientação na intencionalidade de educar. Este processo só faz sentido se houver o propósito de obter uma mudança benéfica na conduta do

educando, por isso necessita de profissionais especializados para tal realização.

Não consiste numa reação cega e inconsciente a estímulos externos, mas sim num processo consciente, lúcido e criador. Mesmo quando se realiza através do ensaio e do erro ou da imitação, implica sempre discernimento e compreensão daquilo que se aprende (SANTOS 1942, p. 181).

O autor explicita que a educação não se resume numa mera adaptação ou socialização, mas sim na ação consciente, voluntária e intencional. A ação educativa está inteiramente ligada à autoridade da Igreja, pois a formação sobrenatural do homem, sua cristianização e sua segurança é tarefa exclusiva da Igreja de Cristo. Assim, a tarefa que a Filosofia da Educação ensina se traduz na ação dos agentes qualificados como a Família, a Escola, o estado e a Igreja. Devido a sua complexidade e seus múltiplos fatores vitais que o cercam é mister uma intervenção por parte destes agentes (SANTOS 1942).

A personalidade do educador como mestre e mandatário e até mesmo mensageiro eterno de Cristo só foi possível por meio do Cristianismo, pois o autor considera que em outras épocas, como na Grécia antiga e no Renascimento a função de educador foi reduzida aos escravos e aos fracassados. Rousseau ao defender a educação pela natureza, apologizando o método negativo reduzindo o processo educativo ao desenvolvimento espontâneo da criança, colocou o Educador em segundo plano.

Também Comenius, Pestalozzi, Herbart e Froebel, ao valorizarem os métodos pedagógicos, desmereceram o papel do mestre, pois consideraram o Educador como um simples agente estimulador do desenvolvimento do educando. O sociologismo pedagógico de Durkheim e o naturalismo de Dewey corroboram para acentuar a desvalorização do docente.

Na visão do autor, somente na contemporaneidade, o papel do educador tem crescido pela pedagogia da personalidade juntamente com a concepção cristã de educação realçando seu valor. Suas qualidades devem ser avaliadas para os que assumem tal missão: qualidades físicas, intelectuais e morais (SANTOS 1942, p. 181).

Theobaldo diz respeito à saúde do educador. Sem este quesito fundamental não poderá assumir a tarefa árdua de lecionar. O equilíbrio orgânico e a normalidade dos sentidos atestam ao educador a aptidão no trabalho. Concomitante com a dignidade externa do mestre no sentido de simplicidade e delicadeza de seus gestos, modéstia ao vestir e serenidade de suas atitudes evidenciam plena capacidade para sua dignificante missão.

Riboulet se refere à virtude que existe no olhar de um bom mestre (...). (...) Dupanloup dizia que na educação a palavra é um grande instrumento espiritual e moral: é o nobre órgão do espírito e do coração que se dirige à alma, penetra-a, ilumina-a, condú-la, cativa-a e domina-a. É a alavanca que tudo remove (SANTOS, 1942, p. 188).

Quanto às qualidades intelectuais, a obra educativa exige do mestre uma visão geral dos grandes problemas do espírito. Não basta ter uma inteligência penetrante, mas ágil e flexível a fim de se ajustar à complexidade do processo educativo. Ao mestre profissional requer-se a cultura geral e uma ampla e sólida formação pedagógica por meio de um estudo teórico e prático da filosofia, das ciências e das técnicas pedagógicas. A educação, na visão de Theobaldo, é uma obra não apenas de intuição e de sentimento, mas, antes e, sobretudo, de razão. Seu valor se mantém e aperfeiçoa pelo seu estudo.

O derradeiro quesito das qualidades do Educador são as competências morais, por isso, o mesmo deve ser bondoso. A bondade deve ser as primeiras qualidades do bom educador. Mas ao afirmar sobre tal questão, o autor menciona que o mestre não deverá deixar de ser enérgico nem

mesmo sacrificar sua autoridade, pois as consequências seriam a indisciplina dos alunos (SANTOS, 1942, p. 189).

Para o autor, ser bondoso não significa ser fraco, pelo contrário para o sucesso de seu “apostolado educativo”, deverá se condicionar à delicadeza e à força, às branduras e à firmeza, à constância e à imparcialidade. Sem tais atributos o mestre não conseguiria suscitar em seus alunos a confiança, o apreço e admiração. Esses elementos são vitais para que a obra educativa ocorra. Em suma sem tais qualidades não se pode emprestar à personalidade do educador, a energia, a tenacidade e o heroísmo necessário para vencer a sua intensa jornada.

O Educador se resume, em uma figura da prática educativa, na concepção de Theobaldo Miranda Santos, porém, às qualidades que o mestre deve ter para cumprir sua missão e quais os critérios a serem avaliados para que se determine que um bom mestre precise possuir. Estes critérios perpassam pelo *método histórico, método dedutivo e indutivo*. Seu propósito tem uma fundamentação e referência nos aspectos da aprendizagem, daí uma análise dos princípios desses pensadores da educação.

O *método histórico* procura discernir qualidades comuns dos antigos pedagogos existentes nos diversos períodos da história. Para o autor, exemplos como o de Rousseau, Pestalozzi, Basedow, não possuíam qualidades que pudessem ser apreciadas para a figura do bom mestre. Para Theobaldo a explicação seria que a concepção de educação varia de acordo com a época e a própria concepção de vida dos educadores. A este respeito concorda com Kerschensteiner, sobre (...) *o tipo de homem teórico, de talento racional*, (...) sintetizam suas forças na explicação dos fenômenos naturais, não podem compreender a alma dos indivíduos, por isso, afirma que este método não fornece subsídios suficientes para determinar as qualidades na personalidade do Educador.

Já o *método dedutivo* também sofre questionamentos ao desarriar a experiência pedagógica no ato educativo generalizando com o conceito de educação. O autor menciona que o criador deste método pode ser Dilthey, porém a predominância maior seria do grande pedagogo alemão Kerschensteiner. Este autor, com base nas teorias de Spranger, classifica as personalidades do educador conforme os valores que orientam sua vida espiritual. (SANTOS, 1942, p. 183). Esses valores seriam codificados em seis tipos psicológicos da vida do homem, como a teoria, a estética, a religião, a sociedade, a economia e a política. Acrescidos a estes valores os que predominam o espírito do homem são: a verdade, a harmonia, a vida eterna o amor a utilidade e o poder.

Em síntese o *método dedutivo* que analisa a personalidade do Educador se resume na visão de Kerchensteiner como “um tipo de homem social, isto é cuja vida espiritual é dominada pelo amor ao próximo”. Theobaldo ainda pontua as opiniões de autores como Max Scheler, Aloys Fischer contrários a opinião de Kerchensteiner. Já o pedagogo alemão católico Schneider afirma que para se localizar as qualidades do bom mestre, é preciso se remeter a figura de Dom Bosco. Ao concluir a questão deste método nosso autor traz a figura de Adolfo Rude que assegura ser este o método próprio para caracterizar a representação do educador.

Por último, sobre a metodologia de estudo do educador seria o *método indutivo*. Segundo Theobaldo este método é o preferido dos autores norte-americanos, pois o mesmo se baseia nas experiências pedagógicas e fatos educativos. Há um rigor estatístico na verificação destas experiências (SANTOS 1942, p. 185). Estudiosos como A.S. Barr (1931), F.G. Bonser (1931), J.R. Shannon`s (1928), são os autores destacados por seus trabalhos no assunto.

O trabalho de F. G. Bonser, destac,a por meio de um estudo na Commonwealth teacher Training Study, com administradores escolares, vinte e cinco qualidades eficientes para o trabalho docente. Entre elas, bom-senso, autodomínio, prudência, entusiasmo, magnetismo, adaptabilidade, amplitude

de interesse, honestidade, cooperação, refinamento, fortaleza, liderança, saúde, simpatia, diligência, asseio, segurança, cultura, originalidade, pontualidade, espírito renovador, espírito progressista, eloquência simplicidade.

Já a pesquisa dos alemães Schneider, Hylla e Doringe e Adolfo Rude, menciona a psicologia no trabalho de caracterização das qualidades morais do mestre e estas variam entre a veracidade, a justiça, autodomínio e a paciência. Para os predicados pedagógicos o mestre deve possuir atração e amor pelas crianças, sensibilidade artística, espírito criador, inteligência lúcida e cultivada, senso da medida e da proporção, capacidade de adaptação à vida prática, treino do trabalho manual, aptidão para liderança entusiasmo pela profissão. Um item importante nesta pesquisa é a capacidade do educador deve motivar os valores que já existem nas crianças oportunizando a educação no sentido religioso.

Na conclusão sobre o Educador, Theobaldo, diz que estes métodos não são suficientes para a caracterização integral da personalidade daquele formador. Para o autor, o método misto aliado aos outros já existentes, seria o único responsável por tal tarefa. Sua opinião seria que a vocação dada por Deus, traduz-se pelo amor, compreensão ao educando, a fim de se promover seu aperfeiçoamento. Esta vocação é a característica principal do educador e dela depende toda a eficiência dele.

O documento apresentado a seguir trata da obra de *Theobaldo Miranda Santos, sobre a Filosofia da Educação: Os Grandes Problemas da Pedagogia Moderna, Editora Bonffoni, publicado em 1942*, que é seu texto fundamental sobre o educador. Destaca o propósito do educador, indicando suas qualidades, a questão da aprendizagem, que é uma atividade inteligente e seletiva. A questão metodológica é tratada de forma a aprofundar as teorias de educação já postas pela tradição: *o método histórico, o método dedutivo e o método indutivo*. Theobaldo remonta autores clássicos da educação e dando a eles um significado de destaque em seus propósitos, tanto na adesão a seus princípios, quanto à crítica de seus fundamentos.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA FILHO, Orlando José (2008). **A estratégia da produção e circulação católica do projeto editorial das coleções de Theobaldo Miranda Santos: (1945 – 1971)**. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutorado em Educação: História Política Sociedade. São Paulo.

CURY, Carlos Roberto Jamil Cury. **Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais**. São Paulo, Cortez e Moraes, 1978.

LIMA, G. Gonçalves de (2013). **A disciplina História da Educação na formação de normalistas do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio em Minas Gerais (1947 – 1971)**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Educação, Uberlândia.

SANTOS, T. Miranda. **Filosofia da Educação: Os grandes problemas da Pedagogia Moderna**. Rio de Janeiro: Editora Bonffoni, 1942.

Jaqueline Andrade Calixto

Universidade Federal de Uberlândia, jaquelineandradecalixto@yahoo.com.br

Armindo Quillici Neto

Universidade Federal de Uberlândia, armindo@pontal.ufu.br

CAPÍTULO VIII – O EDUCADOR

Sumário – Conceito de educador – Pontos de vista de Aguayo e Kerschensteiner – A educação espontânea ou reflexa – Ideias de Dewey e Kireck – Influência da natureza e de sociedade sobre o homem – Caráter lúcido e inteligente de aprendizagem – Caráter consciente e propositado do ato pedagógico – O educador como um dos agentes do processo educativo – Evolução do conceito de educador – Métodos de estudo do educador – Método histórico – Método educativo – Método indutivo – Caracterização da personalidade do educador - A vocação pedagógica – Qualidades físicas do educador – Qualidades morais – O educador e o ideal – Exercícios – Notas – Bibliografia –

a) CONCEITO DE EDUCADOR

1 - O Conceito de educador possui uma amplitude muito mais extensa do que, geralmente, a que se lhe atribui. Educador não é somente aquele que educa por profissão, mas também, como nos mostra Aguayo, quem conscientemente e com propósito determinado influi sobre a educação de um indivíduo, de um grupo de indivíduos ou de uma comunidade. Educadores e professores são, pois, o sacerdote, o filósofo, o estadista, o magistrado, os pais, os grandes escritores e, em geral, toda pessoa que se propõe estimular, guiar e dirigir o pensamento, a conduta ou a vida dos seus semelhantes. Não chegaremos, entretanto, a afirmar com kerschensteiner que também é educador todo o homem que influi involuntariamente ou involuntariamente sobre a vida espiritual dos outros homens. Não

negamos que a ação plástica e difusa do meio social possa influir sobre a formação de uma educação espontânea, resultante do trabalho incidental dos fatores mesológicos. Mas não concordamos com, Dewey e Kriek quando consideram essa educação como um processo que se desenrola, no homem, de maneira, inconsciente e imperceptível, e quando emprestam a mesma um valor educativo superior o da educação voluntária e sistemática.

2 - Ora, a aprendizagem humana é uma atividade inteligente e seletiva. Não consiste numa reação cega e inconsciente a estímulos externos, mas sim num processo consciente, lúcido e criador. Mesmo quando se realiza através do ensaio e do erro ou da imitação, implica sempre discernimento e compreensão daquilo que se aprende. Os hábitos, as atividades e os conhecimentos somente são “aprendidos”, e não simplesmente “fixados”, quando adquiridos com consciente e intelecção. Não podemos, portanto, compreender como possa existir uma educação inconsciente. Por outro lado, sem negar a influencia profunda que a natureza e a sociedade exerceu sobre o homem, julgamos que a educação, em seu sentido estrito, deve ser considerados como uma atividade voluntária e intencional, visando formar personalidades aptas para promoverem o próprio aperfeiçoamento e o do meio social em que viverem. Sem o propósito consciente de dirigir, de orientar, de conduzir no sentido de determinados fins, não há propriamente uma ação educativa. A característica essencial do ato pedagógico é, é, indubitavelmente, a intenção de educar. A educação propriamente dita, - observam, com razão. Hernandez Ruiz e Benediti Tirado -, não compreende todas as influencias que emanam dos adultos sobre a juventude, nem mesmo todas as influencias intencionais, mas tão somente as que são dirigidas pelo propósito de obter uma mudança permanente na conduta do educando, de exercer conscientemente de exercer uma

modificação benéfica na marcha do seu desenvolvimento e de obter, do mesmo modo, uma adaptação progressiva ao meio social, orientada, porém, para uma perfeição desejada, para um melhoramento previsto, para uma transformação mais satisfatória da vida total da comunidade. A verdadeira educação não pode ser, por conseguinte, compreendida como uma simples adaptação ou como uma mera socialização. Representa antes uma ação humana consciente, voluntária e intencional. E, assim sendo, deve necessariamente possuir agentes qualificados que se encarregam de sua realização.

3 – Esses agentes qualificados são principalmente como nos ensina uma sadia filosofia da educação, a Família, a Escola, o Estado e a Igreja, cada um com uma esfera própria de ação. Pois o homem é um ser complexo e múltiplo em que se conjugam, numa unidade substancial, virtualidades físicas, intelectuais, sociais, morais e espirituais. Para cada uma destas faces do composto humano deve, portanto, existir uma agência educativa, cooperando todas, igualmente, para seu aperfeiçoamento integral. Mas a formação sobrenatural do homem é tarefa privativa da Igreja, pois sem ela, o homem não pode realizar seu destino espiritual. Somente a Igreja pode cristianizar o homem, isto é, pode conduzi-lo com eficácia e segurança ao seu fim último e absoluto. E como tudo o que aprendemos em relação, direta ou indireta, com esse fim último, podemos afirmar que não existe ação educativa inteiramente desligada da autoridade da Igreja.

4 – Não pretendemos, porém, examinar agora a natureza e o âmbito da ação educativa dos grupos sociais que promovem o aperfeiçoamento do homem. O que nos interessa, neste momento, é tão somente estudar a personalidade do educador., como instrumento de ação desses grupos. E comecemos assinalar o valor que se tem

emprestado à sua função., ao longo da história. A importância do mestre como agente de educação não em sido, porém, valorizada do mesmo modo nas diversas épocas históricas. Se, no Antigo Oriente, era tido em alta consideração e escolhido entre os membros das classes sociais mais elevadas, da Grécia e em Roma, a profissão de educador era desprezada pelos homens livres e entregue aos escravos. O Cristianismo veio emprestar grande dignidade à missão do mestre, considerando-o como mandatário de Cristo e como mensageiro dos valores eternos. A partir do renascimento, a função do educador perde progressivamente relevo social e sua importância espiritual, passando a ser exercida pelos fracassados em outras profissões. Com a secularização do ensino, instituída pela Reforma, a situação se agravou de tal maneira que S. João Batista de La Salle, impressionado com a decadência da educação, em sua época, fundou o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, destinados à educação das crianças pobres e à formação de professores capazes de elevar e dignificar o exercício do magistério. Nasceu assim a primeira Escola Normal. Já Rousseau não deu tal importância a função do educador. Pregando a educação pela natureza, fazendo a apologia do método negativo e reduzindo todo o processo educativo ao desenvolvimento espontâneo e natural das crianças, o sofista romântico de Genebra colocou em plano secundário o papel de educador.

5 – A valorização dos métodos pedagógicos, ao contrário do que se poderia supor, a função do educador no processo educativo. Ele passou a ser considerado como simples instrumento de método. Significativa a esse respeito é a opinião de Ratke ao proclamar que lhe não seria difícil “fazer um mestre habilitado de qualquer indivíduo que lhe fosse indicado”. E Basedow persuadiu-se de tal maneira da eficácia de seu método, que julgava que a utilização do mesmo poderia colocar qualquer

estudante, por mais ignorante que fosse, em condições de ensinar. Ponto de vista mais ou menos idêntico foi defendido por Comenius, Pestalozzi e Herbart que colocaram o método acima da personalidade do educador. Potros foram, porém, os motivos de Froebel para desmerecer a função do mestre. Influenciado pela Filosofia Idealista, o famoso criador do “Kindergarten”, considerou a educação como um processo imanente, autônomo e auto-ativo, reduzindo, implicitamente, a função do mestre à de mero agente estimulador do desenvolvimento espiritual do educando. Apesar da influência manifesta do naturalismo de Rousseau e do idealismo de Kant, Fichte e Hegel sobre a maioria dos sistemas pedagógicos contemporâneos, a importância emprestada ao papel do educador tem, em nossos dias, crescido progressivamente, o que, na ordem prática, se traduz pelo interesse dominante, em toda parte, pela formação, em nível superior, do magistério de todos os graus. À pedagogia da personalidade, concordando, nesse ponto, com a tradição pedagógica cristã, veio, recentemente, realçar ainda mais a função do mestre ao processo educativo. E, aos poucos, se vai universalizando, apesar da resistência do sociologismo pedagógico de um Dewey ou de um Durkheim, a convicção de que a personalidade do educador é, indubitavelmente, o fator fundamental de toda educação e que não era sem razão que Goethe proclamava: “por sua personalidade atua o homem sobre seus sentimentos de toda maneira de que é capaz”.

b) MÉTODOS DE ESTUDO DO EDUCADOR

6 – Focalizada a personalidade do educador, como figura central da atividade educativa, dois problemas para logo se levantam: - Quais a qualidade que a mesma deve possuir para o pleno exercício de sua missão? – Qual o critério para a determinação dessas

qualidades? Esses problemas complexos e sutis foram postos em equação por Schenider que assinalou três métodos para a seleção das qualidades que um mestre modelar deve possuir: *o método histórico, o método dedutivo e o método todo indutivo.*

a) *Método Histórico:* a utilização deste método nos permite colher na história das doutrinas pedagógicas e das instituições educativas quais foram as qualidades consideradas pelos filósofos e pedagogos de diversas épocas como as quais dignas de ornar a personalidade de um educador. Poderemos verificar, a esse respeito, que, se existem qualidades comuns a todos os tempos e a todos os autores, outras há que se opõem. É interessante observar ainda que raros foram os pedagogos de renome que possuíram as qualidades consideradas por eles próprios como indispensáveis para o exercício da função educativa. A vida amoral de um Rousseau, a falta de caráter de um Basedow ou a ausência de senso prático de um Pestalozzi são exemplos expressivos desse desacordo tão frequente, nos pedagogos, entre as suas construções teóricas e as suas realizações práticas. O que nos faz lembrar, embora sem admiti-lo, o paradoxo sarcástico de Bernardo Shaw: “quem sabe faz, quem não sabe ensina”. Para Kerschensteiner, essa incapacidade dos construtores de teorias pedagógicas para a prática educativa deriva das diversas “formas de vida” dos diferentes tipos pedagógicos. “O tipo do homem teórico, diz o grande pedagogo alemão, do talento racional que põe sua intenção em compreender a natureza dos fenômenos, dificilmente permite uma união efetiva com o tipo social de caráter irracional e de compreensão intuitiva da alma dos seus semelhantes. Quem sente em si uma força interior que o impele, incansavelmente, a reunir sempre novos conhecimentos que lhe permitem ordenar, transformar e aperfeiçoar suas próprias ideias, corre o grande perigo de sentir como uma

carga cada vez maior, o trabalho diário repetido a que o obriga sua profissão de educador, perigo que somente pode ser vencido pelo amor do todo poderoso”. Em suma, analisando as qualidades exigidas nos diversos períodos da história para a personalidade do educador, chegaremos à conclusão de que as mesmas têm variado de acordo com a concepção de vida e de educação dominante em cada povo e cada época. Assim sendo, a não ser que queiramos adotar um critério puramente “histórico”, o que seria incidir no erro do relativismo, julgamos que o método em questão não nos pode fornecer, por si só, elementos de que necessitamos para construir a imagem do mestre ideal.

b) *Método dedutivo*: através deste método as qualidades do educador modelar são deduzidas do conceito geral de educação, desprezando-se a contribuição oferecida pela experiência pedagógica e pelos fatos educativos. Dilthey parece ter sido o precursor desse método na pedagogia moderna. Na sua opinião, o amor e a simplicidade são qualidades características do “gênio pedagógico” e as únicas que permitem uma compreensão profunda da alma infantil, alma que para ele é “inacessível à nossa ciência analisante e abstrativa”. Mais o representante mais autorizado do método dedutivo, em nossos dias, é, indubitavelmente, Kerschensteiner que estabeleceu as qualidades do educador ideal, à luz da famosa teoria das “formas de vida” de Spranger. De acordo com esta teoria, as personalidades são classificadas conforme os valores que orientam a sua vida espiritual. Spranger distingue assim seis tipos psicológicos ou formas de vida: *o homem teórico, o homem estético, o homem religioso, o homem social, o homem econômico, e o homem político*. Os valores predominantes no espírito desses tipos são, respectivamente, a verdade, a harmonia, a vida eterna, o amor, a utilidade e o poder. Kerschensteiner considera

o verdadeiro educador como um tipo social, isto é, como um homem cuja vida espiritual é dominada pelo amor ao próximo. E o define como “uma forma de vida do tipo básico social que, por pura inclinação, se sente apto para influir, de maneira concreta, na medida da sua cultura particular, sobre a formação psíquica do homem incipiente, portador futuro dos valores absolutos, e, que encontra na realização dessa vocação a sua máxima satisfação”. Desta definição extrai o célebre criador de “Arbeitsschule” as quatro características fundamentais do mestre modelar: 1) Autêntica vocação para a formação do homem; 2) Aptidão para a realização eficaz dessa vocação; 3) Inclinação para o homem incipiente, 4) Resolução de exercer influência decisiva sobre a criança em desenvolvimento. Max Scheler, na sua grande obra sobre a fenomenologia do sentimento da simpatia (“Zur Phanomenologia der Sympathiegefuhle”), não considera a alma do autêntico educador como pertencendo ao tipo social e Spranger, pois, na sua opinião, “o amor não aspira elevar o valor do objeto amado, aperfeiçoar o homem ou ajuda-lo a, por qualquer modo, tornar-se portador de valores superiores. O verdadeiro desejo de perfeição supõe uma atitude pedagógica que faz necessariamente desaparecer o amor”. Ao ponto de vista do grande mestre da filosofia fenomenológica, kerschensteiner opõe a afirmativa da existência de múltiplas formas de amor, algumas das quais não entram em conflito com o desejo de perfeição, nem mesmo quando, para alcançar o objetivo, recorre a castigos. Aloys Fischer se insurge também contra a inclusão do educador na categoria dos tipos “sociais”, pois, na sua opinião “o círculo vital do chamado tipo social é infinitamente mais extenso e rico do que o do magistério”. E acrescenta: “a incorporação do magistério à magna obra do serviço do homem sua vinculação aos motivos do amor humano,

da solicitude e da responsabilidade para com os seus semelhantes, da abnegação para com os mesmos, do desinteresse pessoal, concorre, em certas circunstâncias, para obscurecer o conceito específico de magistério”. O grande pedagogo católico alemão Scheneider critica o ponto de vista de seus compatriotas Spranger e Kerschenteine, apresentando conta os mesmos as seguintes objeções: 1) Os tipos de Spranger não existem em estado puro; 2) Um autêntico representante do tipo social seria completamente inadequado à profissão de mestre e educador, precisamente pela sua unilateralidade, o que implicaria o perigo da incapacidade prática, como Pestalozzi; 3) Spranger afirma que cada um dos tipos contém também as outras formas vitais, mas o predomínio de uma dessas formas acarreta a atenuação das demais de caráter básico. Eis porque Scheneir considera o método dedutivo como insuficiente para fornecer as qualidades que deve possuir o perfeito educador. Enquanto Kerschenteiner e Spranger consideram como tipos ideais de mestre, respectivamente, Pestalozzi e Sócrates, para Schneider somente um homem reuniu em sua personalidade as qualidades do verdadeiro educador. Esse homem foi D. Bosco. Entre os defensores atuais do método dedutivo, vamos encontrar ainda Adolfo Rude que considera o referido método com o único capaz de fornecer os elementos para a caracterização do perfil do educador, o qual julga pertencer, de preferência, ao tipo social, mas possuindo também valores científicos, artísticos, religiosos, econômicos e políticos. Na opinião do famoso pedagogo germânico, são os seguintes caracteres fundamentais do verdadeiro educador: 1) Amor ao homem em formação; 2) Interesse em influir sobre o homem em formação; 3) Aptidão para exerce sua influência.

c) *Método Indutivo*: por meio deste método, as qualidades do mestre modelar são recolhidas, não dos princípios filosóficos ou das reflexões teóricas, mas da contribuição

fornecida pelos fatos educativos e pelas experiências. É o método preferido, em geral, pelos autores norte-americanos que, para a determinação dos atributos do educador, tem recorrido principalmente às experiências pedagógicas e aos inquéritos sistematizados, submetidos a rigoroso tratamento estático. Entre os trabalhos mais recentes e interessantes publicados sobre o assunto, nos Estados Unidos, se destacam o de A. S. Barr (“Na Introduction to the Scientific Study of Classroom Supervision”, D, Appleton C°, 1931), o de F. G. Bonser (“Qualities desired in teachers by Administrators”, in *School and Society*, vol. 31, 1931) e o de J. R. Shannons (“The personal and Social Qualities of High-School Teachers”, (Terre Haute Normal School Press, 1928). Bonser relata um exaustivo inquérito realizado pela “Commonwealth teacher Training Study” entre grande número de administradores escolares, com o objetivo de determinar as qualidades consideradas pelos mesmos como as mais eficientes para o exercício do magistério. Foram escolhidas as seguintes qualidades classificadas na ordem da sua importância: 1) O Bom senso, 2) Autodomínio, 3) Prudência; 4) Entusiasmo, 5) Magnetismo; 6) Adaptabilidade; 7) Amplitude de interesses; 8) Honestidade, 9) Cooperação; 10) Refinamento; 11) Solicitude; 12) Fortaleza; 13) Liderança; 14) Saúde; 15) Simpatia; 16) Diligência; 17) Asseio; 18) Segurança; 19) Cultura; 20) Originalidade; 21) Pontualidade; 22) Espírito renovador; 23) Espírito Progressista; 24) Eloquência; 25) Simplicidade. Bonsai critica essa classificação, observa ironicamente se a “originalidade”, o “espírito renovador”, e o “espírito progressista” estão colocados em nível tão baixo é certamente porque os professores com essas qualidades foram incômodos para os administradores.... (págs. 260-163). Na Alemanha, pesquisas desse gênero foram realizadas, entre outros, por Scheneider, Hylla e Doring. Adolfo Rude

relata uma série de investigações sobre a psicologia do educador, realizada por Doring numa comunidade de professores de Lubeck. Essas pesquisas permitiram ao referido pedagogo a caracterização da estrutura psicológica do mestre cujas qualidades morais básicas devem ser a veracidade, a justiça, o auto-domínio e a paciência. Com relação aos atributos propriamente pedagógicos, deve o mestre possuir capacidade para atualizar na criança as potências e valores que nela existem latentes, inclusive os valores “divinos”, donde a necessidade da educação ter um sentido religioso. Deve o educador possuir ainda atração e amor pela criança, sensibilidade artística, espírito criador, inteligência lúcida e cultivada, sendo da medida e da proporção, capacidade de adaptação à vida prática, treino do trabalho manual, aptidão para a liderança e entusiasmo pela profissão.

7) Analisando-se o valor das contribuições oferecidas pelos três métodos de estudo do educador, logo se verifica qual o emprego isolado de cada um deles, não é suficiente para a caracterização integral da personalidade do mestre. Daí julgarmos que o melhor critério para a determinação das qualidades do educador modelar, será a utilização de um *método misto*, em que sejam aproveitadas as contribuições oferecidas pelo método histórico, pelo método dedutivo, e pelo método indutivo. Antes de esboçar, porém, numa síntese rápida, os principais atributos do educador, tal como nos ensina a tradição histórica, a experiência pedagógica e uma filosofia integral da vida, lembremo-nos de que o mestre, para o exercício perfeito de sua missão, deve, dizia Spalding, vale o que vale o home. Grandes professores fazem grandes escolas. A escola é p professor. Basta a presença de um homem no sentido verdadeiro da palavra, mesmo que nada diga ou que nada faça, para engendrar a vida e a força. Todo homem verdadeiro é um professor; pois,

vivendo e agindo como homem para os outros. “O homem, e não o sistema escolar, é o autentico educador”. Todavia, não devemos esquecer que a característica essencial do educador, a qualidade suprema de que depende toda a sua eficiência educativa é, indubitavelmente, a vocação, sinal misterioso com que Deus assinala p sentido de cada vida humana na economia espiritual do universo e que, naqueles que foram destinados à obra pedagógica, se traduz pelo amor ao educando, pela compreensão intuitiva da sua personalidade e pela capacidade de promover o seu aperfeiçoamento.

c) QUALIDADES DO EDUCADOR

8) Vejamos afora quais as qualidades físicas, intelectuais e morais que o educador deve possuir para exercer plena e integralmente a sua dignificante missão;

a) *Qualidades físicas*: O educador deve ser dotado, antes de tudo, de uma sólida saúde que lhe proporcione o equilíbrio orgânico e a resistência física necessários para o exercício contínuo das suas funções. Sem essa condição fundamental, não lhe seria possível cumprir a árdua e extenuante tarefa da preparação e realização das lições, da direção do estudo e da aprendizagem, da motivação do trabalho escolar e da manutenção da ordem e da disciplina na classe.

A normalidade dos sentidos é outra condição indispensável. Embora a acuidade sensorial dependa, em grande parte, da capacidade de atenção, do poder de observação e da exatidão dos juízos, é óbvia a necessidade de uma certa integridade fisiológica dos sentidos. A deficiência da vista ou da audição pode tornar difícil a orientação do estudo ou o controle da disciplina. O olhar possui uma grande eloquência e exerce uma profunda influência psicológica. Ele pode penetrar até o âmago da alma da criança. “Muitas vezes basta

fixar o olhar em um aluno para lhe fazer sentir uma censura ou manifestar-lhe que seus erros são conhecidos”. D. Bosco nos fala do poder sugestivo de um olhar aplicado fixamente sobre um aluno depois e ter percorrido, negligentemente, os outros alunos da classe. E Riboulet se refere à “virtude” que se existe no olhar de um bom mestre. Outra qualidade de grande importância é a voz. Daí a “necessidade do mestre cultivar sua voz, quer cuidando do bom estado da laringe e das vias respiratórias, quer procurando dar à voz, pelo exercício, toda sonoridade, clareza e suavidade que a mesma for capaz de adquirir. “Na educação, dizia Dupanloup, a palavra é um grande instrumento espiritual e moral: é o nobre órgão do espírito e do coração que se dirige à alma, penetra-a, ilumina-a, condu-la, cativa-a e domina-a.” É a alavanca que tudo remove” Mas para que as qualidades físicas produzam todo o seu efeito é necessário que a elas corresponda uma certa dignidade exterior do mestre, manifestada pela correção e modéstia do vestuário pela simplicidade e delicadeza das maneiras e pela serenidade e distinção das atitudes. “O porte do mestre tem de ser severo e simples, evitando as manias ridículas ou os gestos desordenados. As atitudes sem compostura, a afetação solene e o gesto presunçoso estão dissociados do bom tom”.

b) *Qualidades intelectuais:* a primeira qualidade desta natureza que o educador deve possuir é, naturalmente, uma inteligência bem desenvolvida e organizada. A compreensão intuitiva da alma infantil pouco valerá se não for esclarecida pela inteligência. Daí a necessidade do educador possui certa penetração intelectual que lhe faculte aprender, com presteza e exatidão, os caracteres distintivos das cousas, os traços peculiares das pessoas, os aspectos particulares da realidade. A educação sendo uma obra, não apenas de intuição e de sentimento, mas, antes e, sobretudo, de razão, é preciso que o mestre seja dotado de uma

inteligência, não só penetrante, como ágil e flexível, a fim de se ajustar à complexidade e à variabilidade de aspectos e condições do processo educativo. Mas não basta ter uma inteligência aguda e ágil e flexível, é necessário ainda tê-la bem cultivada. Ninguém mais do que o mestre tem necessidade de uma cultura intelectual sólida e profunda. O valor e a eficiência de um educador se mantém e se aperfeiçoam pelo estudo. Seu saber deve ser muito mais elevado do que o estritamente necessário para o exercício do seu mister. Ao educador se poderiam aplicar com propriedade, as palavras de S. Jerônimo: “Vivei como se, cada dia tivésseis de morrer; estudaí como se, eternamente, tivésseis de viver”. E esse estudo deve abranger não apenas um setor particularizado da cultura, mas, tanto quanto possível, todo o campo do conhecimento humano. A obra educativa pela sua importância e magnitude, exige do mestre uma visão, geral e profunda de todos os grandes problemas do espírito. Pois o que está em jogo não é somente a direção de uma classe ou de uma escola, mas a elevação moral da sociedade, o engrandecimento espiritual da civilização e, sobretudo, o destino eterno da pessoa humana. Ao educador profissional não basta, porém, a cultura geral. É necessária ainda uma preparação pedagógica ampla e sólida. E como a educação é um problema de fins e de meios, essa preparação deve ser adquirida através do estudo teórico e prático da filosofia, das ciências e das técnicas pedagógicas. Esse estudo deverá ser realizado em cursos especializados, em cujos currículos se encontrem a biologia, a sociologia, a filosofia, e as artes aplicadas à educação, além da história das doutrinas e instituições educativas, da metodologia pedagógica, da administração escolar e da prática do ensino.

c) *Qualidades morais:* a educação é uma obra de amor, de modo que uma das primeiras qualidades do verdadeiro mestre deve ser a bondade. Até para se respeitado o mestre precisa ser bondoso. “Procurai ser amado se

queris ser temido”, dizia D. Bosco. Isto significa que o amor não exclui a autoridade e que a bondade não impele o respeito. Pode, portanto, o educador ser bondoso, porém, que a bondade a sua autoridade. É necessário, porém, que a bondade não degenera em tolerância excessiva que tudo desculpa, pelo receio de se opor a vontades adversas, pela hesitação de afrontar dificuldades ou pelo amor à inércia e a comodidade. O que acarretaria a indisciplina dos alunos, a desordem da classe e a ruína de toda educação. “Os próprios alunos aparentemente beneficiados seriam os primeiros a depreciar o professor por sua debilidade”. A verdadeira bondade nada possui de fraqueza ou de temor. Nela se harmonizam a delicadeza e a força, a brandura e a firmeza, a constância e a imparcialidade, brandura e a firmeza a constância e a imparcialidade. O mestre deve possuir ainda *espírito de justiça e amor à verdade*. Esses atributos o levarão a tratar igualmente os seus alunos, reconhecendo os direitos e deveres de todos, sem se deixar influenciar por razões de interesse pessoal, por impulsos afetivos momentâneos ou por sentimentos instintivos de simpatia. De outro modo, além de infringir os ditames da lei moral, o mestre não conseguiria suscitar em seus alunos a confiança, o apreço e a admiração, indispensáveis à eficácia da obra educativa. Para ser justo e veraz, precisa o mestre possuir ainda auto-domínio e paciência, qualidades que lhe permitirão conter os sentimentos irrefletidos, superar as próprias paixões e realizar, com serenidade e elevação, eu apostolado educativo. É como a educação é um trabalho em que procura tornar a vida mais bela e mais feliz, é necessário que o educador tenha uma certa dose permanente de *alegria* e de otimismo. Mas, acima de tudo, o mestre precisa ter uma vida de absoluta pureza moral e uma conduta de irrepreensível dignidade espiritual. “Dentro e fora da escola,

diz Raul Ferrero, o mestre deve ser um paradigma de correção e de boa conduta porque a virtude irradia sobre os demais como um exemplo vivificador. Enobrece o espírito e concede ao homem um traço de incontestável respeitabilidade. Requer, pois, o educador sólidos princípios morais e religiosos, severamente observados. Como só se pode transmitir o que se possui, o mestre ensinando a moral, tem de vivê-la com sóbrio orgulho e inculca-la com paternal solicitude. Todas essas qualidades, entretanto não passarão de simples ornamentos pessoais, sem calor e sem vibração, se não forem estimulados e vivificados pela força poderosa e fecunda de um *ideal*. Somente um ideal que transcenda a contingência inelutável da realidade terrena e a imperfeição substancial dos valores humanos, poderá emprestar à personalidade do educador a energia, a tenacidade e o heroísmo necessários, para que ele possa vencer os obstáculos e as decepções que encontrará, a cada passo, em seu caminho coberto de espinhos, e atingir a meta final da sua árdua e dignificante jornada.

EXERCÍCIOS

1 – Podemos como “educativas” todas as influências que a natureza e a sociedade exercem sobre o homem? 2 – Analisar a seguinte afirmação de Cohn; “Por educação queremos entender somente uma influência consciente e intencional”. 3 – Mostrar como as correntes mais autorizadas da psicologia contemporânea consideram a aprendizagem como um processo lúcido e auto-ativo. 4 – Refletir entre o bom e o mau, o nobre e o grosseiro, o justo e o injusto. 5 – Estudar a evolução histórica do conceito de educador. 6 – Esclarecer a razão pela qual o naturalismo pedagógico e o pragmatismo pedagógico colocam em segundo plano, no processo

educativo, o papel e suas relações com a tipologia do educador. 7 – Analisar a teoria das “formas de vida” de Spranger e suas relações com a tipologia do educador. 8 – Comparar a contribuição do educador e do método no processo educativo. 9 – As qualidades exigidas para um perfeito educador poderão ser adquiridas? 10 – Mostrar o papel da inteligência e do sentimento na atividade do educador.

NOTAS

1 – Para ensinar pouco, é preciso saber muito esse pouco... Será para um mestre um elogio bem medíocre a seguinte afirmação: - ele sabe muito. Ele sabe muito! Mas sabe ele bem o que deve saber? Sabe bem ele ensinar o que sabe? (Dupanloup). 2. – “A educação é por natureza um processo vivo. Assim como no mundo físico cada animal engendra seu semelhante, no mundo espiritual o professor só pode dar o que possui. Se a fonte da verdade e da caridade está extinta, na sua alma, ele professa em vão. A coisa capital não é o que o professor diz ou professa, mas, sobretudo o que é em si mesmo. A vida que vive e tudo o que essa vida revela a seus alunos, mesmo atos inconscientes, e principalmente o que jaz nas profundezas da sua alma, isto é, o que ele espera, crer e ama, tudo isso exerce uma influência mais penetrante do que todas as suas lições. O que importa sobretudo na obra da educação não são monumentos, material didático dispendioso, métodos ou livros aperfeiçoados, mas um bom mestre devotado, amante e esclarecido, que acredite profundamente no poder da educação e sinta um verdadeiro instinto para fazer irradiar esse poder sobre aqueles que lhe são confiados. Isto se aplica não só à escola primária como no colégio e à educação”. (Spalding) 3. – “O educador moderno reflete sempre sobre novos métodos cada vez mais apurados para combater as faltas e fraquezas da juventude: esquece, muitas vezes, que a influência sobre

outra é menos o resultado duma técnica refinada da razão e do método do que duma alma poderosa, duma vontade bem organizada e que somente desta maneira a vontade desordenada de outrem pode ser beneficentemente influenciada. O educador não pode extrair das disposições do seu aluno senão o que conquistou na árdua luta consigo mesmo”. 4. “O material que utiliza a técnica não é livre, ao passo que toda relação educativa autêntica se estabelece entre pessoas, uma das quais capacita a outra para vida. Capacitar para a vida não significa outra coisa senão ajudar o homem a ser livre. O caminho que conduz o homem à liberdade não se pode dominar racionalmente”. (Roura-Parella).

BIBLIOGRAFIA

1. Aguayo, A. M – “Problemas generales de la nueva educacion”, Habana, 1936. 2. Barr, A.S. – “Na Introduction to the Scientific Study of Classroom Supervision, New York, 1931. 3. Bonser, F.G. – “Qualities desired in Teachers by Administrators”, in *School and Society*, Vol. 31, 1931. 4. Burlon, W. H. – “Introduction to Education!”, New York, 1934. 5. Cohn J. – “Pedagogia fundamental, trad”, trad. Madrid, 1933. 6. Duvillard, E. – “El maestro de primera enseñanza”, Madrid 1924. 7 – Dzierzyczna, W. – *Les aptitudes professionnelles du pedagogue-educateur*, Varsóvia, 1926. 8 - Ferrero R. – “O professor”, in *Revista do Ensino do R.G.Sul*, Abril 1940. 9. Kerschensteiner, G. “El alma del educador y el problema de la formación del maestro”, trad. Barcelona, 1928. 10. Rude, A. – “La escuela Nueva e sus procedimientos didacticos, trad. Ed. Labor, 1937.

REFERÊNCIA

SANTOS, Theobaldo Miranda. *Filosofia da Educação: os grandes problemas da Pedagogia Moderna*. Rio de Janeiro: Edições BOFFONI, 1942, p. 177-191.